

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
 Administrador, Antonio Dantas
 Redacção e administração,
 Rua de Payo Galvão, 70

PUBLICAÇÃO SEMANAL
 Propriedade da Empresa
 DOS
 Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
 Typographia Minerva Vimaranesense
 68, Rua de Payo Galvão, 72
 GUIMARÃES

A nossa economia é a **miseria**; a nossa finança é a **penuria**; a nossa força é a **impotencia** e a nossa politica é a **intriga**, o **despeito**, a **ambição sem grandeza**, a **emulação sem dignidade**.

(Do dr. Brito Camacho, chefe de um dos partidos da republica).

S. GUALTER

Era cidadão francez, se a memoria nos não atraíçoa, e foi abbade em Meulon.

Da sua vida e feitos pouco sabemos, nós, que



JOÃO FERNANDES DE MELLO
 1906-1907

escrevemos estas linhas. Não podemos portanto informar se, como a maioria dos seus abbaciaes collegas, era anafado e gordo, ou se, dissecado pelo ascetismo, apenas cobria os seus ossos de apergaminhada pelle.

O que podemos jurar é que foi varão de singulares virtudes, no que são unanimes todos os auctores que da especialidade se teem occupado, e que nós conscienciosamente rebuscamos.

Vivendo da oração e penitencia, procurava assim o flagicio do seu corpo para a salvação da sua alma.

Mas o processo moderno de mortificação é muito mais racional, e tem a grandissima vantagem de se poder applicar indistinctamente a todos os aspirantes a martyres, mesmo áquelles a quem o seu character dubio lhes não desse a coragem de brandir as disciplinas contra o proprio coiro.

Por este processo, não nos espanta que, pelo caminho da mortificação, cheguem ao ceu verdadeiras legiões de almas, só com a pelle e o osso, figura de rhetorica aqui applicada para demonstrar que, a terem as almas de caminhar pelo seu pé, não seriam as enundias que as impediriam de chegarem prestes ao termo da viagem.

Não pudemos averiguar a razão porque celebrando a Igreja a festa do santo a 8 d'Abril, dia certo e fixo, tão certo e tão fixo como os prazos das contribuições, o Berço da Monarchia o celebra no primeiro domingo de Agosto, que a respeito de certeza e fixidez, é como o das pernas do grande tribuno Alexandre Braga ou como as ideias politicas do heroico Pulhote do Rego.

Mas pouco importa ao caso, que S. Gualter fosse francez ou portuguez e que a festa seja a 8 de abril ou a tantos de agosto; o que importa, o que interessa é que elle é o mordomo de uma festa gentil, d'uma festa em que as galas da natureza se aliam, neste maravilhoso rincão minhoto, ás



JOÃO RODRIGUES LOUREIRO
 1908-1909

opulencias da arte regional, em que os nossos artistas José Luiz de Pina e Abel Cardoso demonstram *urbi et orbi* os seus singulares talentos ornamentistas, de que muito justamente se podem orgulhar.

A cidade vestirá hoje, pois, as suas mais opulentas galas para receber os seus hospedes.

Festas, musicas, descantes, feiras, touradas, divertimentos de toda a ordem terá o forasteiro que procure a velha cidade de D. Affonso Henriques.

Nella verá, se d'essas coisas fôr curioso, o velho Alcacer do primeiro Rei, castello roqueiro tomado por seu pae aos mouros; verá a velha collegiada, monumento gotico do mais puro estylo, que em lucta tenaz con-

tra os estragos do tempo tem conservado as linhas nobres da sua maravilhosa architectura; verá o seu thesouro, museu de raridades, ricas pela materia e pela arte; e se fôr dado a cogitar da civilização dos remotos povos lá tem na Sociedade Martins Sarmento com que possa recrear o espirito. Lá verá tambem, a par da ingenua ceramica celta, a opulenta ceramica Bordallina, maravilhas de



JOÃO GUALDINO PEREIRA
 1910

barro, não do barro fragil de que é feita a humanidade, mas o barro glorioso a que uma dynastia de geniaes artistas, tem dado alma, tem dado vida.

Se o forasteiro fôr d'aquelles, raros, que preferem ao deleite dos sentidos o puro goso espiritual, para aquelles que julgam que o poder de Deus nunca se manifesta



EDUARDO M. D'ALMEIDA
 1911-1914

tanto como quando insufla no animo da creatura o genio do bem, na mais nobre das suas manifestações—*A caridade*, a esses recommendamos uma visita aos varios asylos de velhos e invalidos, á Creche, á officina de S. José, e ahí verá que a alma dos vimaranesenses se não revela só pelo culto

da arte, pelo amor ás gloriosas tradições do passado, pelo genio dos seus artistas e dos seus sabios, mas tambem por essa virtude augusta, filha dilecta de Deus,—o *Altruismo*, que o mesmo é que o amor da humanidade.

Mas em qualquer caso, e seja qual fôr o character do visitante, seja qual fôr o seu gosto artistico, seja qual fôr a cultura do seu espirito, duas coisas deve o forasteiro vêr: as illuminações e a phantastica Marcha Milaneza.

Nós garantimos, como pessoa que tem visto mundo, que nunca, em parte nenhuma, em nenhuma epocha, se pode conceber e pôr em pratica tão maravilhosas combinações de papel, simples papel colorido, e luz.

Tudo quanto umaphan-



JOSÉ DE FREITAS COSTA SOARES
 1912-1913

tasia opulenta possa architectar sobre effeitos de côr e de luz se poderá approximar da realidade.

Por mais forte que seja a concepção do bello, por maior maravilha que espere, aquelle que pela primeira vez assistir ao desfilar da Marcha, ao vaguear dos seus milhares de lumes, sentirá sempre uma sensação de assombro.

A Guimarães pois, e ás festas, a redacção dos «Echos de Guimarães», interpretando o sentir de todos os vimaranesenses e ainda de todos os forasteiros, não pode deixar de prestar rendida homenagem á Associação Commercial de Guimarães pelo brilho que de anno para anno vem dando ás festas, e ao estampar o retrato dos seus presidentes desde o pri-

meiro João Fernandes de Mello, verdadeiro *comprimido* de grande homem—pois só debaixo da pressão de 1500 atmospherica se pode metter tão grande alma em tão reduzido estojo, até ao ultimo, o snr. Guilhermino Barreira, fazêmo-lo com



GUILHERMINO AUGUSTO BARREIRA
 1915

o desejo de, transmittindo-os á posteridade, ella nos traga continuadores da sua obra.

Dois d'elles já a morte os levou em plena pujança de intelligencia e actividade, João Gualdino e Eduardo d'Almeida, a quem os seus talentos e virtudes dão jús a chamar-se-lhes—dois vimaraneses illustres; é-nos grato prestar neste momento as nossas homenagens ás suas honradas memorias.

Liberdade

Essa gente que por desgraça nossa tem presidido aos altos destinos da nação desde o glorioso 5 de Outubro, forma um conceito da liberdade tão acanhado, que por certo ainda fica abaixo do que d'ella formam os barbaros e até os selvagens; porque por uma deshonrosa contradicção apregoam principios e garantias, de que na pratica não fazem caso. Pretendem fazer crer que vivem em plena democracia e ao mesmo tempo adoptam procedimentos que são proprios do absolutismo mais duro. Prêgando a liberdade, fizeram caminho e triumpharam; e agora no gozo do poder as suas maiores delicias consistem em espezinhar aos que são ou lhes parecem ser adversarios.

Na constituição o artigo 4.º diz: «A especificação das garantias e direitos expressos na constituição não exclue outras garantias e direitos não enumerados mas resultantes da forma de governo que ella estabelece e dos principios que consigna ou constam de outras leis». Era, pois, justo que,

sendo o regimen democratico, como dizem, ninguem fosse perseguido pelas suas ideias religiosas ou politicas, contanto que respeitasse as leis estabelecidas.

Pois não succede assim, contrariamente ao que era de esperar. Quem não fôr republicano, e para maior segurança, democratico, nem livre pensador, não pode viver sosegado, embora cumpra fielmente os seus deveres de cidadão.

D'uma hora para a outra, quando menos o espere, sem causa nem motivo nenhum pode soffrer os maiores vexames, as perseguições mais ferozes. O simples pretexto da ordem publica ou da defeza da republica dá margem nas mãos dos nossos democraticos que trazem a consciencia debaixo dos pés, a inutilizar todas as garantias individuais.

Dizem os defensores das actuaes instituições que ellas significam um grande progresso na vida da nação e que são um apoio mais seguro da liberdade. Os factos, porém, com uma estrondosa resonancia os estão desmentindo todos os dias.

A Carta Constitucional em materia de liberdades e de garantias era muito mais explicita e muito mais larga do que a constituição republicana.

É facil fazer o cotejo do texto d'uma com o texto d'outra para quem ainda não tenha pensado no caso ou tenha duvidas sobre elle.

E visto que agora o governo está cuidando da execução da lei da separação n.º 2, que é simplesmente uma abominavel iniquidade, a deshonra do governo que a executa e do regimen que a tolera, convem citar e pôr em confronto o artigo 145, § 13: «Todo o cidadão pode ser admittido aos cargos publicos civis, politicos ou militares, sem outra differença que não seja a dos seus talentos e virtudes». E isto não era letra morta ou mera taboleta para atrahir sympathias; esta garantia foi sustentada e mantida durante todo o tempo em que vigorou o constitucionalismo monarchico.

Pois agora, que nos dizem estarmos mais adelantados, um empregado publico, embora muito honesto e competente no seu lugar, por uma suspeita mais ou menos fundada de que não seja affeição aos governantes, será demittido e ainda por cima ficará sujeito a uma espionagem vexatoria. E os autores d'esta monstruosidade que não tem exemplo em nenhuma nação civilizada, continuam muito anchos a prégar com a cynica desfaçatez que os caracteriza, que no actual regimen todos teem liberdade.

P. A.

Justiça de Mouro

O feliz minhoto que, ao percorrer as suas fertes campinas ou os seus suaves outeiros, vai deliciando a vista nos largos horizontes, em que outras campinas e outros montes ostentam a sua vegetação pujante de milhares e arvoredos frondosos, julgará, se nunca tiver abandonado a sua ridente provincia, que é assim todo o reino de Portugal.

Todo o nosso abençoado paiz é inquestionavelmente bello, no entanto, com a risonha paisagem minhota, contrasta flagrantemente a severa paisagem trasmontana e a tristeza das serranias beirões.

Aqui, todo o monte é verde nos seus tojos ou nas suas carvalheiras frondentes; lá é a serra escavada por onde a agua das chuvas se despenha, a falta de vegetação que a contrarie no seu pendor, e a faça entranhar-se pela terra.

No entanto o duro beirão e o rijo trasmontano acharam meio de obrigar a natureza despiédosa a repartir tambem por elles os seus dons; e encastellando os seus schistos em solidas muralhas, das rapidas e ingremes ladeiras fizeram degraus por onde elles, novos titans, puderam escalar o ceu.

Da serra escavada e adusta fizeram elles a terra da promissão. Dos seus schistos, esboroados a marreta, brotaram fontes de precioso licor. Do silencio das suas solidões, sahiram hymnos alegres à Natureza, a Deus, como os entoariam os caminhanes do deserto ao sentirem a frescura do Oasis.

Mas é bem certo que todo o feito humano gera a imitação, e todo o triumpho a inveja.

Assim, o habitante da charneca alemtejana, ao saborear o precioso liquido com que o bom Deus premiou o esforço do tenaz duriense, não pensou na grandeza e na constancia d'esse esforço, não pensou nas luctas seculares do homem contra a natureza; pensou apenas em aproveitá-lo em seu beneficio. E deixando morrer á fome a nação, á mingoa de pão que as suas charnecas infundáveis podiam generosamente dar-lhe, preferiu embebedá-la, e, rasgando as entranhas da sua terra productiva, nella enfileiraram as cepas que, justiceiramente, se negaram a cooperar na fraude, recusando-lhes, nas suas caudaeas de vinho, o aroma, a doçura, a macieza do divino e invejado licor duriense.

Mas elle, o habitante da charneca tambem quiz por sua vez corrigir a natureza, e, se o duriense teve para isso de transformar montes em vales, pedras em terra, elle, o sertanejo da charneca, nada mais tinha a fazer do que uma simples substituição de nomes, como se, com simples palavras, a zurrapa pudesse converter-se em vinho generoso.

Era facil como cortar a agua, e difficil como comprimi-la, mas, no esforço é que se revelam os fortes. Com tenacidade, audacia e um meio propicio, o caminho era para a frente. E para a frente caminhou. Poderia tropeçar em escrupulos, se elle fosse de molde a embaraçar-se com tão pouco; mas não.

Havia ainda a contar com a opposição dos lezados, mas esses pobres homens! tão grande amor tinham á terra, que bem podiam dormir para sempre agarrados a ella, e essa terra, por elles tantas vezes revolvida em duros labores, bem podia acabar afinal por lhes dar, em paga do seu trabalho constante, o eterno descanso, a paz carinhosa do tumulo. Pelo cansaço? não, que elle é rijo: pelo ferro e pelo fogo.

E foi assim, a fogo, que se fez a peça de convicção, foi esse o gesto que acompanhou a rhetorica governamental.

Sicarios infames arrojaram das varandas da casa da camara de Lamego bombas explosivas sobre a multidão dos reclamantes. Aquelles a quem os estilhaços das granadas fraticidas não partiram as pernas ou não rebentaram as entranhas, procuraram na fuga a salvação; mas os fugitivos eram tambem delinquentes, estavam ali a reforçar a reclamação dos que pugnavam pelo seu direito a colherem o fructo do seu trabalho, portanto, precisavam tambem de castigo—não é a propriedade um roubo? e a tropa, um destacamento do nosso exercito—fiel mantenedor das regalias nacionaes—deu mais uma prova da sua disciplina e da sua bravura, e, com tanta coragem como se estivesse em Africa em frente dos alemães, varou pelas costas aquelles a quem os estilhaços das bombas pouparam.

Isto é um episodio de todos os dias e de todos os paizes civilizados; não é á tropa que compete julgar e applicar penas? E' Não

é a justiça summaria a ultima expressão em materia de justiça? E' Não procederam elles em perfeito estado de flagrante delicto? Com toda a certeza. Não é assim mesmo que se procede em Marrocos? Ninguem o duvida. Ha uma só coisa que dá que pensar: é que estando nós gosando as delicias de um regimen do povo e para o povo, como é que se assassina assim, tão summariamente e tão descaradamente o povo? Talvez seja por que este povo estava occupado em tirar simples faiscas do contacto dos seus pezados enxadões contra os schistos da montanha, enquanto o outro, o soberano, carregava bombas; este cantava entre os vinhedos hymnos a Deus, á natureza, ao sol, enquanto o outro os cantava na Rotunda á triumphante demagogia.

São pelo visto dois povos diferentes e que, com certeza, não são irmãos, porque então a apreçoada fraternidade do regimen, seria a fraternidade de Caim.

Na ç. de S. Bento

O honrado general Pimenta de Castro insultado pelo homem da Panasqueira

O que se passou no Parlamento traduz bem os propositos de intolerancia e de tyrannia que animam os membros do partido democratico.

Não vae longe o tempo em que a minoria republicana levantou no Parlamento uma campanha a proposito da maioria monarchica esculpida na Carta Constitucional pretender oppôr-se a que a pessoa do rei D. Carlos fosse discutida.

Vimos então á frente d'essa campanha o homem das minas da Panasqueira, o sr. Alexandre Braga.

Pois é o mesmo sr. Alexandre Braga que, em nome da maioria democratica, declara que a mesma maioria não consentirá, que qualquer deputado, num legitimo direito que a Constituição lhe garante, se refira ao sr. general Pimenta de Castro, um homem honrado, e cujo erro que lhe poderemos apontar, foi não ter deportado para a Africa com todos estes demagogos que teem conduzido o paiz á beira do mais profundo abysmo.

Fique pois o paiz sabendo que o sr. Alexandre Braga não quer, não consente que um deputado se refira ao sr. Pimenta de Castro. Pode um democratico agredir cobardemente este honrado general. Pode um formiga apontar o mesmo general como um ladrão, como um assassino. A maioria applaudirá este cobarde ataque, visto que o sr. Pimenta de Castro, ou alguém por elle, está inhibido pelo parlamento de se defender.

Isto é: a maioria democratica vibra a facada e encolhe o braço. São os processos, ha muito conhecidos, dos democraticos.

Fala o sr. Braga que o honrado general só se limitou a exaltar a monarchia dos adeptos.

E' inaudito que isto se diga. Não nos consta que no consulado do illustre general se desse qualquer escandalo como o do democratico Eusebio da Fonseca; como o de Ambaca; os latrocinios de S. Thomé; a negociata do opio; a escura e lodosa negociata das Aguas de Rhodam; a questão da Panasqueira; a venalidade da lei das binubas; o caso do Banco da Covilhã; o predio Grandella, e emfim, tantos outros escandalos que teem lançado sobre a gente democratica o opprobrio, a vileza, a ambição e o descredito.

Sim, o sr. general Pimenta de Castro é um homem honrado e só pretendeu fazer administração honrada.

E por ser um homem honrado e pretender fazer uma administração honrada é que ordenou uma syndicancia aos actos de Antonio Maria da Silva, administrador dos Correios, onde tem praticado crimes previstos e punidos pelo Codigo Penal.

Pois foi este criminoso democratico um dos membros da junta revolucionaria. Outro membro de tal junta e sobre quem pesavam accusações gravissimas, e se estava fazendo outra syndicancia, é o sr. Norton de Mattos.

Este cavalheiro quando governador de Angola, fornecia aos pobres soldados expedicionarios bacalhau podre, pagando-o o Estado como bom; é o unico responsavel pelo desastre de Naulila e arranjou aquella celebre lei do regimen da porta aberta entregando Angola aos allemães, e matando varios ramos da industria nacional tão falha de protecção.

Outro membro de tal junta, o democratico sr. Freitas Ribeiro. Quem é que não conhece Freitas Ribeiro? Foi sujeito a uma syndicancia por fraudes praticadas do ministerio da marinha. Pois o primeiro acto que este heroe fez foi dissolver a commissão que o estava syndicando.

Ainda falta um: E' o democratico major Sá Cardoso. Este valente, fugiu em 5 de outubro da Rotunda, deixando o commando das forças republicanas a Machado dos Santos que se tambem tivesse fugido esses revolucionarios de pacotilha não davam agora avinhados arrotos, como succedeu a Alexandre Braga.

E como estes heroes todos os democraticos. Elles são valentes em tempo de paz e quando teem a guarda republicana a defender-lhes as costas.

E arrojam-se estes tartufos a dizer mal do sr. Pimenta de Castro, a honradez personificada; o homem que consentiu que a imprensa democratica se dirigisse ao governo em termos insultuosos; o estadista que garantiu a liberdade de imprensa, de opinião e de culto; que mandou abrir as prisões onde jaziam ha mezes e á ordem da tyrannia democratica honrados cidadãos, e sinceros republicanos.

E não quer o sr. Braga que se discutam os actos d'um homem honesto como é o sr. Pimenta de Castro.

O sr. Alexandre Braga mere ce uma estatua...

No debate parlamentar a que nos referimos, depois do sr. Braga ter declarado com a cabeça cheia de vento e o estomago cheio de vinho que não consentiria que a pessoa do sr. general Pimenta de Castro fosse discutida, o chete do partido evolucionista declarou que, se a maioria o inhibia de usar de um direito que a Constituição lhe garante, que abandonaria o parlamento.

E' o que S. Ex.^a tem a fazer. O sr. Antonio José d'Almeida nunca devia ter ali entrado. Nem o sr. Almeida nem o sr. Camacho se na politica existisse uma nesga de vergonha.

Quem fez os recenseamentos? Os democraticos! Quem dirigiu as eleições? Os democraticos!

E foram os democraticos e sempre os democraticos, que perseguiram individuos d'outros partidos e que lançaram em todo o paiz uma atmosphera de terror, de maneira a que só os democraticos comparecessem nas urnas.

Em taes circumstancias, os partidos inimigos da formiga branca não deviam ter ido á urna. Assim foi dar á demagogia um triumpho que a mesma demagogia não alcançaria se se fizessem umas eleições serias; assim, foi demonstrar ao paiz e ao estrangeiro que esse partido tem uma força que não possui.

Mas, uma vez que o sr. Anto-

nio José d'Almeida quiz colaborar nessa farça, é bom que se salve a tempo deixando o Parlamento entregue simplesmente aos demagogos. E' a segunda edição do Congresso da Figueira e da Assembleia da Mitra. E' a succursal do Directorio de S. Carlos. E', finalmente, outro Centro dos defensores da republica.

Deixai-os ficar sós, elogiando os seus heroes, que a população honrada do paiz soltará constantemente este grito:

Viva o honrado general Pimenta de Castro!

Da «Vanguarda».

Em sessão do dia 28 p. p., dizia o sr. Pulhote do Rego, na camara dos deputados, a proposito da promoção do heroico tenente Aragão:

«esses cães, já se pode dizer quem são sem receio de ir parar ás masmorras de S. Julião da Barra: são os allemães!»

Na mesma data, Eusebio Maldonado, Armando Candido e João Carlos de Lemos foram presos por denuncia de serem desaffectos ás instituições; na vespera tinha sido preso um outro pobre diabo porque, deante dos retratos de varios grandes homens entre os quaes figurava, como de justiça, D. Cretinote, expostos numa taberna, os invectivou justa e duramente.

Ora dê lá dois vivas á constituição e outros dois á Liberdade, seu Pulhote e limpe-se a esse guardanapo...

A «NAÇÃO»

Como dissemos reapareceu na terça-feira passada este nosso brilhante collega da capital, d'onde, com a devida venia e com os nossos melhores cumprimentos, recortamos os seguintes periodos:

Cá estamos outra vez no nosso posto, depois de um descaço forçado pela braveza das circumstancias, que nos assaltou de surpresa, sem que a consciencia nos accusasse de menos dignos, menos ordeiros, menos respeitadores, ou tão pouco patriotas que fomentassemos desordens, numa crise em que a ordem, mais do que nunca, se impõe ao bem da Patria. Seguimos caminho direito, esse caminho d'onde nunca nos desviamos e por nossos antecessores nos foi marcado, em defeza do Direito ultrajado, da Verdade conspurcada, da Justiça esquecida e da Patria, que já encetara a senda tortuosa que a conduziu ao precipicio que todos sentem, que todos receiam, mas que nem todos possuem a coragem de denunciar as causas para que se evitem os effeitos. Tem sido esta a nossa missão, com os unicos meritos que a acompanham e que a enaltecem: a firmeza de crenças e a coherencia. Não somos tibios na nossa fé politica e religiosa e sempre fomos coherentes com estes principios basilares, o mais firme esteio de toda a obra patriótica.

Somos portuguezes, educados na velha eschola em que o amor de Deus era o melhor estimulo dos interesses da Patria. Assim no-lo ensina a Historia, nas suas paginas de ouro. Assim no-lo attestam os feitos de nossos maiores, que em todas as suas empresas, d'onde nos nasceu a epopeia, levaram a Cruz como guia e como incentivo, que nunca falhou nas mais arduas tarefas, em que a honra sempre teve o seu culto.

E exactamente quando o symbolo da Redempção começava a ser posto de parte pela descrença do chamado avanço dos philosophos, é que a estrella da fortuna nos começou a declinar e a grande familia portugueza, que formava um bloco em torno do seu Rei e da sua bandeira, se dividiu em grupos e grupelhos, em facções cujo principal objectivo de combate menos eram os principios que os personalismos irritantes, geradores do mais estúpido de todos os odios—o odio politico. Nunca o perfilhamos e sempre na nossa modesta e despretenciosa acção, diligenciamos oppôr-lhe as normas do bom senso, que parece varrido para bem longe d'esta desgraçada terra, que foi tão grande e tão feliz quando era menos progressiva, d'um progresso convencional.

Somos os representantes das primeiras victimas da nova ordem de cousas. Não poucas calumnias serviram de arma aos que temiam o nosso direito e a nossa razão; uma só, porém, não houve coragem para nos assacarem, essa é a falta de patriotismo.

A imprensa e a lei garrote

Da Nação:

Nunca pertencemos á classe da burocracia e damos graças a Deus por não possuímos um talher á mesa do orçamento. A invejável situação que para muitos era, aqui ha uns tempos, a ambicionada posse d'um logar garantido, vitalicio, com direito á reforma, que aliás se pagava do proprio bolso; essa aspiração por assim dizer doentia de quantos paes e mães existiam em Portugal, foi-se por agua abaixo, mercê da progressiva republica que nos rege. Até aqui o funcionario só tinha um dever: o do cumprimento integral das suas funcções, a dentro da repartição do Estado, em que servia, sem que ninguém se importasse das suas ideias politicas ou dynasticas. Exigia-se do empregado que gahasse honradamente o seu salario. O que elle tinha no intimo da alma, quanto a assumptos extranhos ao serviço, era com elle. A moda não era má, mas passou. Agora o caso muda de figura e todos quantos quizerem servir o Estado, que não é de republicanos nem de monarchicos de qualquer especie ou feitio, mas de portugueses, que todos por direito natural são donos da sua casa, os que tenham esse sonho até ha pouco côr de rosa, hão-de primeiramente enfileirar-se entre os sequazes do barrete phrygio ou arriscam-se a perder a sua carreira, a inutilizar a sua vida e a mendigar o pão de cada dia, depois de durante annos terem contribuido para a caixa das aposentações, salvaguardando, á sombra da lei, as contingencias da velhice...

Do Jornal da Noite:

O parlamento votou a lei da separação contra os funcionarios que são contra a republica e contra a constituição, isto é contra aquelles que serviram a *dictadura*. Começa o governo, tão legalista, certamente a applicá-la a alguns dos seus mais devotados amigos, que depois de terem, na Mitra, votado contra ella a acolheram nos seus logares sem um protesto. Por exemplo, o sr. Souza Junior foi cumprimentar como funcionario o ministro das finanças d'então levando consigo o sr. Estevão de Vasconcellos. O sr. Rodrigo Rodrigues teve conferencias com o ministro da justiça; o sr. Manoel Monteiro se não o demittem ficava lá; o sr. Leotte do Rego não pediu, como o sr. Oscar Monteiro Torres, a sua demissão. Também não a pediu o sr. Correia Barreto, nem o sr. Souza Rosa, nem o sr. Freitas Ribeiro, nem o sr. Alvaro de Castro, nem o sr. Sá Cardoso, nem o sr. Barbosa de Magalhães, nem o sr. Victorino Godinho, nem o sr. Pope, nem nenhum senhor democratico. Qual a auctoridade que tem para gritar que os outros serviam a *dictadura*?

Do Paiz:

Fez-se uma revolução sangrenta para derrubar um governo, cujo maior crime era attentar contra a Constituição. O primeiro acto dos vencedores é attentar contra essa mesma Constituição, decretando-se a lei garrote. A accusação de vendidos á Alemanha mordeu as reputações de todos os dignos, que não entravam em syndicatos. A situação de Portugal ante a guerra, não soffreu a mais pequena alteração depois da revolução, mas agora não está ninguém vendido. E' por patriotismo. Segurança individual, uma ficção. Liberdade, só para elles. Mas a republica impura baqueou! Tudo o mais são «thalassices»!

Da Republica:

«E' em nome do nosso passado, do nosso esforço desinteressado e ardente, da nossa paixão imutavel e imperecível, que nós gritamos aos dominadores d'esta republica infeliz que a não percam a pretexto de a defender e a não aviltem a pretexto de a fazer respeitar.

Exige-se, com uma impaciencia brutal, que se applique já, e inexoravelmente, a lei dos suspeitos, e o governo apressou-se a regulamentá-la por forma condigna, aparelhando com diligencia essa execução reclamada. Só trabalham nos ministerios as commissões que tem de organizar as listas expurgatorias. E no sobressalto em que muitos vivem, nem sequer avulta como uma esperança a garantia de uma defeza larga e leal, a salvaguarda de um recurso honrado e reparador, a certeza de uma justiça desapassionada e liberal, que veja todos os povos, escute todas as allegações, pondere todos os motivos.

E' a violencia, summaria e inquisitorial, como unico processo de julgamento, invocando a defeza da republica como razão suprema do seu impeto desordenado.

E a violencia—leiam a Historia!—foi sempre, sempre, um processo mau, um processo deploravel de defeza, um processo illusorio de triumphar e viver.

Sim, a republica tem de defender-se. Quetemo-lo todos! A sua bondade, a sua liberdade, a sua tolerancia, não pode ser transigencia, imprevidencia, fraqueza. Mas tem de defender-se com dignidade, com nobreza, com justiça, a justiça elevada, garantidora, progressiva dos povos emancipados e fortes, e nunca a justiça rapida, sinistra, primitiva dos cafres.

Da Lucta:

Não contestamos nunca á Monarchia o direito de se defender; mas exigimos sempre que não convertesse os seus processos de defeza em systema de perseguição. Não será muito que os senhores monarchicos reconheçam o mesmo direito á Republica; mas não seria justo, e talvez não chegasse a ser honesto, que nós concedéssemos á Republica o que negamos á Monarchia.

Está publicada a lei chamada de Separação dos funcionarios, está publicado o respectivo regulamento, e já foram nomeadas, por alguns ministerios, as commissões que hão de elaborar as listas de proscricção. Os deputados unionistas, numa declaração que mandaram para a Meza, na sessão de sexta-feira, protestaram contra a lei e contra o Regulamento declinando para o governo a responsabilidade da sua execução.

Paira uma terrível ameaça neste momento, por cima da cabeça de todos os funcionarios reconhecidamente monarchicos, mas também dos funcionarios authenticamente republicanos.

Reparou o leitor na forma como está redigido o artigo primeiro da lei, que é também o artigo primeiro do Regulamento?

Podem ser definitivamente separados do serviço effectivo os funcionarios militares e civis—que não deram completa garantia da sua adhesão á Republica e á Constituição. Ha aqui, manifestamente, uma subtiliza, e ella permite colher na rede das proscricções velhos republicanos que servem o Estado, como civis ou militares, republicanos de sempre, republicanos de quando a Republica era vaga aspiração, republicanos que o seriam amanhã, restaurada a Monarchia, porque o seu republicanismo é substancial ao seu espirito, tem raizes indestructiveis na sua intelligencia e no seu character.

Do Povo:

«A lei que auctoriza o governo a separar os funcionarios publicos do serviço permite que sejam afastados os monarchicos que hostilizam a Republica e os que acatarem a dictadura contra a Constituição.

Se a lei fôr á risca cumprida lá temos de ver, zom magua, afastados dos seus logares os funcionarios que tomaram parte na sessão do Congresso que reuniu na Mitra, onde votaram a celebrada moção em que se dizia que a dictadura se não devia acatar e que infelizmente elles acatarem e cumpriram. Estes, em qualquer dos casos, não estão innocentes, porque não só acatarem a dictadura como faltaram aos seus compromissos».

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Sessão de 15 de Julho

Preside o sr. dr. João Rocha dos Santos, achando-se presentes os vogaes snrs. Padre Gaspar Roriz, Tenente José Vieira de Faria e José Menezes de Amorim.

Aberta a sessão, leu-se e foi approvada a acta anterior.

O sr. Presidente comunica o fallecimento do sr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, pae do prestante consocio sr. dr. Pedro Guimarães e propõe que na acta d'esta sessão seja lançado um voto de sentido pezar por este triste acontecimento, e lhe sejam dirigidas por officio, condolencias, fazendo-se representar a direcção no seu funeral.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

Por proposta do sr. Secretario Padre Gaspar Roriz, foi resolvido exarar-se nesta acta um voto de intima congratulação pelo feliz exito da operação a que se submetteu a esposa do sr. Presidente, ex.^{ma} Senhora D. Emma Elvira Leão da Cruz Fernandes dos Santos, agradecendo o mesmo esta prova de estima de parte da direcção.

O mesmo sr. Secretario communicou que se receberam da Secretaria Geral das Bibliotecas e Archivos Nacionaes 251 volumes e folhetos, provenientes do Ministerio do Interior. Como fosse ao sr. dr. Julio Dantas a quem se deve a offerta d'estas obras, resolveu-se agradecer a S. Ex.^a.

Leu-se um officio do sr. Ricardo d'Oliveira, residente em Lisboa, em que participa ter enviado a esta Sociedade por ordem do sr. José Antonio Pereira Guimarães, nosso dedicado consocio residente no Lubango, Africa, uma pelle de jacaré, que o mesmo sr. destinava ao Museu d'esta Sociedade.

Resolveu-se agradecer.

Por proposta do sr. Theoureiro, foi proposto socio e approved por unanimidade o sr. Faustino Pereira Camello, secretario de Finanças nesta cidade.

A seguir o sr. Presidente encerra a sessão.

Sessão de 29 de Julho

Presidencia do sr. dr. João Rocha dos Santos, sendo presentes os snrs. Padre Gaspar da Costa Roriz, Tenente José Vieira de Faria, José Menezes d'Amorim e dr. Adelino Ribeiro Jorge.

Sendo lida a acta da sessão anterior foi em seguida approvada.

O sr. Secretario communicou a morte do sr. Francisco Pereira Simões, cunhado do socio honorario sr. Francisco dos Santos Guimarães, propondo um voto de condolencias e que d'esta resolução se fizesse saber a S. Ex.^a, o que foi approved.

O sr. Secretario lê em seguida, uma carta do sr. José Ferrei-

ra d'Abreu, d'esta cidade, em que expunha a propriedade de umas medalhas expostas no Museu em que affirma pertencerem-lhe e não a seu irmão o sr. Manuel Ferreira d'Abreu. Sendo bem ponderado este assumpto, resolveu-se expôr áquelle sr. que a Sociedade não podia tomar conhecimento do direito que a cada um d'elles assistir. O que era facto é que a Sociedade está de posse d'essas medalhas desde 5 d'abril de 1909, como consta do respectivo livro de registo d'entrada d'offertas, sendo esta publicada no volume n.º 26, da *Revista de Guimarães*, do mesmo anno, a paginas 127, como offerta do sr. Manuel Ferreira d'Abreu, e que ellas são douradas e não de ouro, como suppõe o sr. Francisco Ferreira d'Abreu.

Resolveu-se, que na forma dos annos anteriores, a biblioteca e museus d'esta Sociedade, estejam em exposição durante as Festas da Cidade.

Em seguida foi encerrada a sessão.

CONTOS MORAES

VIRTUDE

A virtude é a filha querida de uma consciencia sã e de um caracter firme.

A palavra virtude tem sido muitas vezes mal interpretada, e muitas mais ainda, mal applicada. Toda a virtude, para ter valor, precisa de ser praticada com sacrificio.

Assim, não é virtuoso o homem rico que restitue ao pobre o magro peculio que este lhe deu a guardar, porque isso nada lhe custou a fazer, mas é altamente virtuoso o pobre, carecido de todo o conforto a quem o rico confiou a guarda dos seus bens e que, podendo guardá-los para si, os restitue ao dono.

Não é virtuosa a mulher que, fanatizada, passa a vida a resar pelas egrejas, porque isso, longe de ser para ella um sacrificio é um verdadeiro prazer. Não assim do livre pensador, que, de animo esclarecido e livre de preconceitos, vae por exemplo, ajudar a uma missa, para que os seus semelhantes se não privem do prazer espirital de a ouvir.

Não é virtuosa a mulher que, fraca, doente, gasta, é fiel ao marido honesto, intelligente e bom; mas é-o aquella que na posse de todos os encantos de uma radiosa mocidade, o destino ligou a um marido tosco, egoista e mau, e sabe, em cumprimento do seu dever, resistir ás tentações do mundo, que por todos os lados cercam a juventude e a belleza.

Não é virtuoso o homem que, fraco e doente, soffre a injuria d'outrem sem tirar o condigno desforço, mas é-o o homem valente, a quem as impertinencias da mulher, por exemplo, poem á prova a sua paciencia, e que sentindo em si a força de esmagar a quem o incommoda, resiste á tentação de o fazer e prefere soffrer a injuria, a tirar um desforço que lhe parece indigno do seu animo valoroso.

Não é virtude o individuo que cria e educa os filhos, muito embora o faça com todo o amor e toda a dedicacção, porque nisso apenas cumpre o seu dever, tão completamente quanto a sua intelligencia e a suas condições sociaes lhe permitem; mas é-o aquelle que encontrando na rua um orfão rito e faminto, o agasalhou e recolheu e lhe deu o alimento do corpo e do espirito, ou o que, pelos acasos do destino, se vê na obrigação de crear e educar os filhos dos outros e o faz como se fôsem seus.

Finalmente, não é virtuoso o que só cumpre o seu dever, por não poder deixar de o cumprir, mesmo porque isso é rigorosa

obrigação que todos temos, se quizermos ter o direito de exigir que os outros cumpram o seu; não é virtuoso o fraco que não prejudica o forte por se temer das consequencias, mas é-o o forte que o faz por espirito de caridade e que não se temendo de nada, só teme as accusações da sua consciencia.

Virtude não é resistir ás tentações do mundo quando não podemos gosar os deleites que ellas nos podem offerecer, mas sim quando a consciencia nos diz que o não devemos fazer.

Portanto, só é virtuoso aquelle que tiver um animo forte e uma consciencia limpida e rigida como o diamante, sensível como uma balança de precisão, orientada como uma bussola que mostrando-nos sempre o norte, nos indica o caminho que devemos seguir, e do qual nos não deveremos afastar se quizermos chegar ao fim da nossa vida, sem soffrer a sensação oppressora do flagelado remorso.

Carteira Elegante

CANCIONEIRO POPULAR

Num leque

Quando vejo a brisa calma Agitar os teus cabelos Mal sabes quantos anhelos Sinto nascer na minh'alma.

Se eu fosse o sopro d'aragem Que no teu rosto roçasse Ao menos—feliz miragem Morria ao beijar-te a face.

E, sendo assim, a meu ver A morte não custa tanto... Não é morte; é um encanto Beijar-te a face e morrer!...

18-VII-913

Marte.

Para quê?...

Ir vêr-te, para quê?... Se as minhas penas vivem sob um mysterio que as reveste!... Se o meu destino é recordar-te, apenas, e morrer das saudades que me deste!...

Beber o pó das longas caminhadas, cansar os olhos e de lá trazer, tantas saudades malaventuradas quantas as vezes que te fosse vêr!...

De que serve o traço imaginario de uma furtiva e momentanea luz, se eu tenho de subir o meu calvario vergado sob o peso d'esta cruz?...

Cercaste de Saudade a minha vida! E sempre meu Amor, que te avistei, as saudades que trouxe á despedida, foram mais que as saudades que levei.

Hei-de senti-las onde quer que estejas, unico bem que ainda não perdi. E para vêr-te, sem que tu me vejas, basta a lembrança que guardei de ti.

Conselheiro José d'Azevedo

De sua casa de Villa Real, Villar de Maçadas, regressou na quinta-feira a Lisboa, o eminente estadista e nosso illustre amigo sr. Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco.

S. Ex.^a, que inquestionavelmente é um dos mais formosos talentos de Portugal, é sempre alvo de grandes provas de apreço e sympathia, em todas as terras do paiz por onde passa, o que bem mostra o quanto são apreciadas as suas brilhantes qualidades de patriota e de politico.

Conde de Paraty

De passagem para Braga esteve nesta cidade o illustre titular e opulento capitalista sr. Conde de Paraty, sogro do egregio e valoroso soldado Paiva Couceiro.

Os «Echos de Guimarães» saudando o illustre titular, saudam, com o seu melhor apreço e admiração, seu genro, honroso orgulho e legitima gloria da nossa Patria.

De Londres, regressou a Vizella e quinta do Paço, o intelligente academico de engenharia sr. José Carvalho Cyrne, filho do nosso illustre director e presadissimo amigo sr. Antonio de Carvalho Cyrne.

Regressa brevemente de Mondariz, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, o nosso illustre conterraneo sr. dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Acompanhado de ex.^{ma} mãe, encontra-se entre nós o nosso presado amigo Gonçalo Bourbon (Lindoso).

De Vizella regressou ao Porto o nosso amigo sr. capitão Anibal de Sá.

Encontra-se nos Estoriz a passar a estação calmosa o nosso illustre amigo e distincto advogado sr. dr. José de Arruela.

Continua muito doente a ex.^{ma} esposa do nosso presado amigo sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

Deve chegar por estes dias, de regresso d'Africa, o nosso distincto conterraneo sr. capitão Alberto Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Está entre nós, onde vem assistir ás Festas da Cidade, o nosso presado amigo e intelligente director clinico do Seixoso, sr. dr. José Maria de Moura Machado.

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa esteve no Porto o distincto clinico sr. dr. Antonio Baptista Leite de Faria.

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa esteve nesta cidade o illustre official d'infantaria sr. tenente coronel Jacintho Fragoso.

De Caldellas regressou a Guimarães a ex.^{ma} senhora D. Carolina Teixeira da Silva.

Na companhia de sua ex.^{ma} esposa e gentis filhas, Mesdameselles Cécilia e Maria Cândida, está em Espinho, o nosso presado amigo sr. Joaquim de Freitas e Vasconcellos.

Está nesta cidade a passar uns dias o nosso querido amigo dr. João Paulo Sampaio e Mello Mexia (Pombeiro).

NOTICIARIO

Beneficencia

A Ex.^{ma} Viuva do fallecido Francisco Pereira Simões, para suffragar a alma de seu marido, mandou entregar a quantia de 50000 réis a cada uma das seguintes instituições de beneficencia d'esta cidade: Creche de S. Francisco, Officina de S. José, Asylo de Mendicidade, Asylo de Santa Estephania, Conferencia de S. Vicente de Paulo e Pão dos Pobres, de S. Francisco.

Gualterianas

No momento em que escrevemos estão em plena actividade as Festas da Cidade, procurando a digna direcção da Associação Commercial cumprir o mais rigorosamente possivel todos os numeros do programma.

As ruas e largos que circundam o centro da cidade estão engalanados a capricho, destacando-se pela originalidade e bom gosto das ornamentações.

As touradas promettem brilhantismo e o festival de hoje será magnifico, com todos os seus atractivos.

O concerto de amanhã, no jardim, será pela banda da Guarda Republicana do Porto, que vem substituir a do Regimento do 37 de Murcia, que não vem, porque o ministro da guerra hespanhol não autorizou a sua sahida para o estrangeiro.

Dr. Fernando Chaves

Foi nomeado ajudante do conservador d'esta comarca o nosso estimado amigo sr. dr. Fernando de Mattos Chaves, filho do illustre clinico sr. dr. Mattos Chaves.

Cumprimentamos o nosso amigo, folgando immenso com a sua nomeação.

Exames

Fez exame do 5.º anno de engenharia, ficando plenamente aprovado, o nosso sympathico amigo e distincto academico dr. João Paulo Sampaio e Mello Mexia (Pombeiro), neto da veneranda titular ex.^{ma} Senhora Baroneza de Pompeiro de Riba Vizella.

Fizeram exame de 4.ª classe, obtendo optimas classificações, os intelligentes estudantes Luiz Fernandes Leite de Castro, e Domingos Fernandes Leite de Castro, filhos do nosso querido amigo e importante capitalista sr. Antonio Leite de Castro.

Tambem fez exame de 2.º anno de Medicina na Universidade de Coimbra, o nosso querido amigo e distincto academico Gonçalo Manoel Peixoto Sampaio de Bourbon (Lindoso).

Fez igualmente exame de 7.ª classe (sciencias) o nosso intelligente conterraneo Francisco de Viamonte da Silveira, filho dos illustres titulares snrs. Viscondes de Viamonte da Silveira.

Afectuosos cumprimentos dirigimos aos estudiosos rapazes e a suas illustres familias.

Fez quinta-feira exame de instrucção primaria 1.º grau, obtendo a classificação de **optimo**, o menino Avelino Dantas, filho do considerado proprietario da typographia Minerva Vimaranesense e nosso presado amigo sr. Antonio Luiz da Silva Dantas. Os nossos parabens.

A questão duriense

A questão duriense está reservada para grandes acontecimentos. O governo vê-se embaraçado para a resolver e cremos mesmo não a resolverá.

Parabens

Merece-os e muito sinceros a dignissima professora official da freguezia de Santo Estevão de Briteiros, D. Maria Emilia da Costa, pelo resultado que obtiveram nos exames de 1.º grau os seus alumnos. Num meio reduzido como aquelle, entre povo que se entrega ao trabalho dos campos e que por isso se recusa por vezes a mandar as creanças á escola, conseguiu ella apresentar a provas nove alumnos, que, devido aos seus esforços e habilidade, conseguiram muito honrosas classificações. Cinco conseguiram a classificação de **Optimo**: Domingos Marques, Joaquim Antunes, Joaquim de Souza, Carminda Gomes Marques e Deolinda Lourenço da Silva. Quatro a classificação de **Bom**: Antonio d'Oliveira, José Gomes, Manuel de Macedo e Olivia Marques.

Ainda tenciona levar a exame de 2.º grau uma alumna. E' de crer que a espere tambem uma honrosa classificação. Parabens á professora e parabens ás creanças.

Fallecimentos

José de Mattos

Em Londres, Inglaterra, onde se encontrava estudando para engenharia, falleceu ultimamente o nosso estimado conterraneo sr. José Corrêa de Mattos, filho da ex.^{ma} Senhora D. Maria d'Oliveira Mattos e do nosso querido amigo e importante capitalista sr. José Corrêa de Mattos.

O fallecido, que era irmão das nossas gentis conterraneas ex.^{mas} Senhoras D. Maria do Espirito Santo, D. Maria Elisa e D. Maria da Conceição Corrêa de Mattos, era um rapaz muito novo ainda, dotado de boas qualidades e que nesta cidade gozava de muitas sympathias, motivo porque geralmente é sentida a sua morte.

O cadaver do saudoso finado deve chegar brevemente a esta cidade onde lhe serão prestadas as ultimas homenagens.

Pedindo aos nossos leitores uma prece por alma do chorado rapaz, apresentamos a todos os seus a expressão sincera do nosso profundo pesar.

Repentinamente e quando a doença parecia dar-lhe uns momentos de treguas, falleceu o honrado negociante d'esta praça sr. Francisco Pereira Simões, casado com a ex.^{ma} Senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões, de quem deixa um filho.

Homem recto e cumpridor dos seus deveres, Pereira Simões, foi

sempre em toda a sua vida um verdadeiro cavalheiro.

A sua morte consternou todos os seus amigos, que sentidamente deploram a sua falta.

O seu funeral, realizou-se na Igreja de S. Francisco com grande assistencia de ecclesiasticos e amigos da familia anojada, a quem, especialmente a sua estremecida esposa, enviamos os nossos sentimentos.

O que todos devem saber

Acaba de ser publicado em Lisboa, pelos Srs. Almeida, Miranda & Souza L.^{da}, a revista semanal **O que todos devem saber**, dirigida pelo distincto homem de letras Francisco d'Almeida, auctor do Dicionário das Seis Linguas. Em formato grande, a nova revista que vem preencher uma grande lacuna no nosso meio litterário e scientifico, terá certamente a boa accitação do publico ávido de sã litteratura e conhecimentos de utilidade. Pelo summario se pode avaliar do valor d'este novo trabalho.

SUMMARIO

Propositos.—Voando pelos seculos.—O espaço e a extenção.—Os modernos relógios de sol (3 gravuras).—Sciencia do Bem estar social: duas lacunas na manifestação scientifica do pensamento.—A classe trabalhadora, hontem e hoje.—Meios para ter sempre dinheiro na algibeira.—A Tempestade, conto de Mark Twain.—Calendario do agricultor: trabalhos neste mez.—O lenço. **Noticias e receitas**: O cheiro do petroleo.—O animal de mais longa vida d'este mundo sublanar.—Para dar ao ferro e ao aço a cor azul.—Extracção da prata dos residuos photographicos.—Vinagre de tomates.—Pão de farinha de batata e centeio.—Garrafa luminosa.—Para verificar a salubridade de um aposento.—Cartas ao abrigo das indiscrições.—Influencia da idade dos paes na vitalidade dos filhos.—O melhor processo para lavar tecidos pretos.

O que todos devem saber é illustrado com uma bella pagina artistica, sendo a do 1.º numero dedicada ás senhoras.

O seu preço avulso é de 40 réis.

Francisco Pereira Simões

Missa do 7.º dia

A viuva, filho, irmãos e mais parentes do saudoso finado Francisco Pereira Simões, profundamente reconhecidos a todas as pessoas que tiveram a caridade de acompanhar o seu corpo até á ultima morada, convidam as mesmas pessoas, bem como a todos os mais amigos e parentes, a assistirem á missa do setimo dia, que será celebrada amanhã, (segunda-feira), ás 9 horas do dia, na capella da V. O. T. de S. Francisco.

Por este acto de caridade e religião mais uma vez se confessam desde já agradecidos.

Guimarães, 1 d'Agosto de 1915.

Editos de 30 dias

(1.ª Publicação)

No Juizo de direito da 3.ª vara civil da comarca de Lisboa, cartorio do escrivão Lopes Ferreira, estão pendentes uns autos civeis de justificação avulsa (para habilitação á herança de Antonio de Castro) em que D. Barbara Mendes de Castro pretende habilitar-se como unica e universal herdeira de seu marido Antonio de Castro, natural de São Claudio do Barco, d'esta comarca de Guimarães e fallecido na rua da Betesga numero 57, 3.º andar, em 29 de dezembro de 1914, com testamento; e nos mesmos autos correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda publicação do respectivo annuncio, citando quaesquer pessoas incertas que se julgarem com direito de impugnarem tal habilitação, para verem accusar a citação na segunda audiencia do referido Juizo, posterior ao prazo dos mesmos editos, e ser-lhes marcada a terceira audiencia seguinte para contestarem, querendo, sob pena de revelia. As audiencias do dito Juizo fazem-se todas as terças e sextas-feiras, não sendo feriados, sempre pelas dez horas e trinta e sete minutos da manhã, no Tribunal Judicial denominado da Boa Hora, sito á rua Nova do Almada, da cidade de Lisboa.

Guimarães, 24 de Julho de 1915.

Verifiquei a exactidão.

Santos.

O escrivão do 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

Machinas de Costura "Singer," e outras marcas

Vendem-se a 500 réis semanaes ou a dinheiro, com grandes descontos, em Guimarães

Benjamin de Mattos

com estabelecimento de fazendas, bicycletas e seus accessorios.

TOURAL, 105.

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$800 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adiantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesense R. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

II Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 72

Ex.^{ma} Snr.